

A Salvação de Deus e a Nossa Cosmvisão

Mark R. Rushdoony

Tradução: Hudson Costa

Revisão: Felipe Sabino

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá na cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. (Gênesis 3:15)

Paulo nos diz para caminhar pela fé, não por vista (2 Co 5:7), mas ele estava falando de nossa vista, visão ou percepções humanas. A Bíblia, contudo, nos dá uma enorme quantidade de revelação sobrenatural na intenção de guiar nossa vida, e espera-se de nós que usemos este conhecimento para estruturar nossa vida, nossa caminhada de fé.

A Bíblia nos dá o movimento da história do começo ao fim, desde nossa predestinação antes do mundo existir até o vislumbre em Apocalipse do Reino eterno, que está centrado no trono de Deus. Deus gastou pouco tempo descrevendo o homem no Éden. Não podemos compreender a vida antes da Queda; é o pecador após Gênesis 3 que reconhecemos. Todavia, é importante observar também a centralidade da promessa de Gênesis 3:15, que uma semente da mulher um dia esmagaria a cabeça de Satanás. É essa promessa que fornece uma estrutura para o resto daquele quadro maior que a Escritura relata.

Quando Paulo nos adverte contra caminhar por vista, ele está se referindo ao nosso entendimento caído e animal. Deus mesmo deu à nossa fé um passado, presente e futuro, e, portanto, é nosso dever caminhar nos termos *dessa* vista ou visão, que Ele mesmo providenciou para nós. Nós não caminhamos no escuro; estamos na luz e somos filhos da luz (João 12:36; Efésios 5:8; 1 Tessalonicenses 5:5; Lucas 16:8).

A História tem Significado

A história não é cíclica (embora o homem tenda a ser pouco imaginativo em sua tolice), mas sim linear; ela vai da criação até o julgamento final. A história está nas mãos de Deus, e é cheia de propósitos. Dizer que a história não tem sentido é dizer que o desenrolar da providência de Deus não têm sentido e que a declaração de João que Satanás batalha na terra “porque

ele sabe que lhe resta pouco tempo” (Ap. 12:12) é também uma afirmação sem sentido. Se a história não tem sentido, sua definição por Cristo como Juiz no final também não tem sentido. Contudo, toda a Bíblia é apresentada no contexto de uma história totalmente controlada por Deus. A história é totalmente cheia de sentido.

Precisamos entender a história dentro das promessas de Gênesis 3:15. Quando Adão e Eva pecaram, eles se aliaram a Satã sobre a falsa suposição que isso aumentaria a posição deles. Deus então declarou que esta aliança não subsistiria, que Ele restauraria, de fato, o homem a Ele mesmo e derrotaria Satanás.

Em Apocalipse 12, João descreve outro conflito entre a mulher e a serpente (dragão), que buscou destruir o filho da mulher tão logo ele nasceu. A mulher, contudo, deu à luz um filho que foi arrebatado para Deus e Seu trono. Isso é uma referência óbvia à Maria e Jesus, mas a igreja também é descrita como mulher (Lucas 15:8; Mateus 13:33). João descreve a tentativa de Satanás destruir Cristo como uma batalha pelo céu e pela soberania que seu governo traz. Satã perde a batalha pelo céu e é atirado na terra. (Apocalipse 12:7-12a). João então diz,

“Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta. Quando, pois, o dragão se viu atirado para a terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão (vv. 1b-13).

Essa referência à mulher é claramente uma referência à igreja, e não à Maria.

Apocalipse 12 deixa claro que a natureza da nossa luta não é uma de idéias, nem mesmo entre bem e o mal. A luta é sobre de Cristo versus Satanás e se encontramos nosso lugar como o povo de Cristo (a igreja), ou como aqueles que seguem a Satanás e sua mentira de Gênesis 3:5, de que podemos “ser como deuses”. Satanás é derrotado nos céus, mas ele guerreia contra a igreja na história.

O Cristianismo não pode se reduzir a bem e mal. Outras religiões acreditam no bem como oposto ao mal, como fazem os apóstatas modernistas. É a redução do Cristianismo à moralidade que permite quase todos se sentirem livres para se chamarem “um bom cristão, também”, porque cada um acredita no bem *por sua própria definição*.

A maior batalha da história é aquela entre Cristo e Satanás. Essa batalha foi profetizada em Gênesis 3:15, e João fala da total vitória de Cristo antes de nos mostrar um quadro dos céus no final do Apocalipse. Lá está a nossa cosmovisão, o grande retrato cósmico.

É em termos dessa batalha que devemos ver a encarnação de Jesus Cristo. Aquele evento não foi nada menos que a invasão da história por Deus, que veio reclamar o que é Seu. Satanás pode não ter estado interpretando o

papel de “saqueador”; ele pode ter acreditado que triunfou no Éden, mas Gênesis 3:15 foi a declaração de Deus que a aliança de Satanás com o homem falharia e que ele mesmo seria esmagado. A derrota de Satanás era certa, mas Satanás *feriria* o calcanhar de Cristo. Esse ferimento foi a ferida (não a morte) do Calvário, onde Cristo foi ferido por nossas transgressões e moído por nossas iniquidades (Isaías 53:5).

Algo importante para se notar sobre Gênesis 3:15 é que ele muda de uma referência geral para uma específica. O versículo começa referindo-se a “sua semente”, então muda para um específico “este”, uma única semente da mulher que esmagaria a cabeça de Satanás, embora Satanás ferirá “seu” (específico de novo) calcanhar. O conflito não é entre multidões de pessoas e nossa esperança em toda a semente da mulher (humanismo), nem mesmo nos descendentes da família de Abraão (racismo). O conflito é entre Cristo e Satanás. O povo de Cristo, o corpo de todos os crentes, deve encontrar sua identidade e conhecer sua lealdade na pessoa de Jesus Cristo. Aqueles que não são novas criaturas em Cristo, parte da nova humanidade nEle, são parte da velha e caída humanidade de Adão, o homem natural, e são amaldiçoados com Satanás.

A Cosmologia de Abraão

Abraão foi chamado para deixar sua casa e parentela para um novo lar e uma nova identidade, porque nele todas as famílias do mundo seriam abençoadas (Gênesis 12:1-3). O que estava acontecendo na mente de Abraão?

Alguns estudiosos acreditam que o livro do Gênesis era meramente um veículo de registros (ou relatos) de famílias pré-existentes, editado por Moisés. Em outras palavras, a frase “este é o livro das gerações de Adão” (Gênesis 5:1) é uma nota bibliográfica que identifica a fonte original dos registros. Outras fontes para Gênesis incluem Noé (6:9), os três filhos de Noé (10:1), Sem (11:10); Terá, pai de Abraão (11:27), e assim por diante. A existência de tais registros é significativa, mas não muito surpreendente. Eles significariam que Abraão estava consciente da história redentora antes de ela ser registrada por Moisés em sua forma bíblica inspirada.

Abraão não era um místico tolo que seguia uma vaga e misteriosa revelação, mas um homem consciente da promessa de Deus e desejoso de ser usado por Deus. Adicionalmente, não devemos presumir que Abraão estava sozinho na adoração ao Deus verdadeiro. A linhagem de Adão e de Matusalém se sobrepõe, morrendo este último no ano do dilúvio, quando Noé tinha 600 anos de idade. Adão ainda estava vivo quando Lameque, pai de Noé, nasceu. Noé nasceu somente 126 anos depois de Adão, e Abraão nasceu 58 anos antes da morte de Noé. O filho de Noé, Sem, *sobreviveu* a Abraão e não morreu até Jacó ter 48 anos de idade!

Essa proximidade das antigas e grandes personalidades explica por que e como os homens tinham conhecimento espiritual antes de Moisés (sacrifícios, dizimos, o sacerdócio de Melquisedeque, para não mencionar os relatos babilônicos obviamente corrompidos do Dilúvio). Podemos assumir que Abraão não estava no escuro sobre a história antiga e a promessa de Gênesis 3:15. Ele tinha um contexto no qual entendia o chamado de Deus. Abraão não somente compreendia o passado, mas o futuro também. Cristo disse: “Abraão regozijou-se em ver o meu dia: ele viu e se regozijou” (João 8:56). Ele sabia que sua bênção tinha a ver com o Messias e que a semente da mulher estava agora se limitando a ele e sua descendência.

“Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Romanos 4:3). Ele tinha uma cosmovisão baseada em seu entendimento que possuía um propósito na providência de Deus.

Existe outro aspecto da chamada de Abraão que devemos observar. No mundo antigo, as *peçoas* eram conhecidas em termos de seus deuses, de sua religião. É um fenômeno pós-Iluminismo que as nações alegam ser não-religiosas, mas Abraão via todas as pessoas como religiosas e sabia que as pessoas representavam um deus e uma lei-ordem baseada na sua religião. Quando Deus disse que Ele faria de Abraão uma grande nação, o único contexto possível no qual Abraão poderia ter entendido isso era o seguinte: uma promessa que eles seriam uma nação de Deus e um povo sob Sua lei-ordem.

Aquele de quem é o direito

Duas gerações mais tarde, a geração prometida se reduziu ainda mais. Dos doze filhos de Jacó, a Judá foi dada a proeminência (Gênesis 49:8-10). Em seu leito de morte, Jacó comparou Judá a um leão (ninguém perturba um leão) que seguraria o cetro (a linhagem davídica de reis era da tribo de Judá) “até que venha Siló; e a ele (singular; *um* homem) obedecerão os povos (v. 10). Da linhagem davídica da tribo de Judá, uma *semente* viria, a semente prometida a Adão e Eva. Paulo fez questão de enfatizar que a promessa era a uma semente no singular, que ele deixou claro ser Cristo (Gálatas 3:16).

O propósito de Davi não era criar um reinado terreno permanente, mas passar o cetro a “Siló”, que significa “aquele de quem é o direito”. É deste Rei que Paulo fala: “convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés (1 Coríntios 15:25) e Ele mesmo disse que todo poder no céu e na terra é Seu (Mateus 28:18).

A promessa para Adão e Eva foi cumprida em Siló. A descendência se limitou através de Abraão, Judá e Davi até Jesus Cristo, Siló, de quem é o direito. Essa era a cosmovisão de Abraão e dos hebreus, quando fiéis.

Nossa Cosmovisão e Nossa Caminhada de Fé

Tomamos as promessas de Jesus Cristo e dos apóstolos e compreendemos a história nos termos delas, no mesmo grau que os patriarcas viveram em termos das promessas de outrora? Nossa cosmovisão tem que incluir o grande quadro e nossa parte nele, ou nossa fé se torna uma coisa estritamente pessoal e escapista. Agostinho falou da oposição do Reino de Deus e o Reino do Homem. Poderíamos facilmente chamar o último de o Reino de Satanás, embora talvez isso lhe dê muito crédito. Cristo, como Senhor do céu e da terra, nos salvou do reino de Satanás, do pecado e da morte. Jesus Cristo é o novo, o último Adão (1 Coríntios 15:45), a cabeça da nova humanidade que não negará seu chamado, o qual é sustentado pelo poder do Espírito, que levantou Cristo dentre os mortos. Essa é a nossa cosmovisão, e devemos andar em termos dela; devemos agir nessa consciência.

Nós que cremos em Jesus Cristo como nosso Salvador e Senhor somos a nova humanidade, restabelecida em nosso relacionamento com o nosso Criador. Fomos chamados de novo ao conhecimento, justiça, santidade e domínio. O Filho de Deus, que tem todo o poder no céu e na terra, nos comissionou para proclamar a Sua salvação, Sua Palavra e o Seu Reino.

Nosso trabalho no Reino não é sem perigo, como Paulo advertiu (Romanos 8:35), nem foi fácil para os antigos patriarcas. Abraão viveu e trabalhou em uma cultura tão vil, que sua esposa estava sujeita a ser tomada ao capricho de qualquer homem mais poderoso que ele. Isaque foi cego a maior parte de sua vida, e Jacó temia por sua vida nas mãos do seu próprio irmão e foi muito maltratado pelo próprio sogro. Contudo, eles superaram, assim como nós superaremos.

Porque Cristo é central para tudo da história, Ele deve ser o centro da nossa vida, mas não somente no sentido pessoal. O Reino de Deus e de Cristo exige nossa lealdade em primeiro lugar, mais do que por nosso país e mais do que por nossos pequenos reinos de riqueza e status. Todo poder e glória pertencem a Siló, de quem é o direito. “Beijai o Filho, para que se não ire”, o Salmo declara (2:12). Como Abraão e como aqueles que seguiram sua fé, nós encontramos nosso lugar, nosso sentido, submetendo-nos à salvação de Deus e à semente da mulher, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores. Essa deve ser a nossa cosmovisão, e ela deve dirigir nossa caminhada de fé.

Fonte: *Faith for All of Life*, Setembro/Outubro 2008